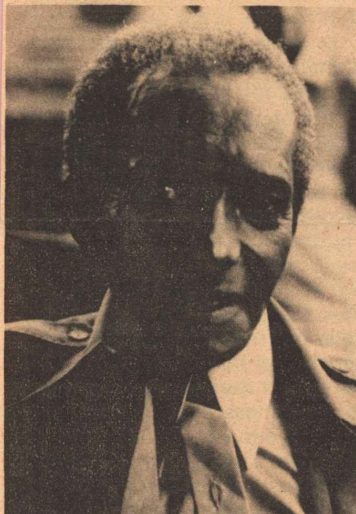


ULTIMA HORA

418 188

**Até que enfim
um especial para
Ismael Silva**

Os musicais continuam movimentando a Globo: com o final das gravações do **Brasil Especial** com Vinicius de Moraes e que irá ao ar em setembro, a produção do programa começa a estudar a possibilidade de focalizar a vida de Ismael Silva e a história do Estácio, bairro carioca onde nasceu a primeira escola de samba. Ismael faz 72 anos no dia 14 de setembro.



Ismael Silva

ELI HALFOUN

Vinicius

Página 18- VARIEDADES

Os novos discos

Sucessos dos últimos vinte anos formam o novo catálogo de relançamentos pela RGE/Fermata. A série aniversário começa com o álbum duplo de Maysa que reúne 28 de suas mais expressivas composições e interpretações de samba-canção a boleros. Depois de Maysa virão as gravações originais de Toquinho & Vinícius («São demais os perigos da vida»), «A tonga da mironga do kabulete», «Meu pai oxalá», etc), Miltoninho («Mulher de trinta»), Erasmo Carlos («A pescaria», «Festa de arromba», «Vem quente que eu estou fervendo» etc), Agostinho dos Santos («Estrada do Sol») «Balada triste», «A felicidade» etc. e a orquestra de Simonetti. Depois destes seis relançamentos a série deve prosseguir com outros clássicos dos velhos catálogos da gravadora.

Rock Samba n° 2

Depois da gravação do elepê «Rock Samba» com o prestígio do veterano roqueiro norte americano Bill Haley, o conjunto brasileiro Lee Jackson volta à carga com garantias de lançamento simultâneo na França, Portugal, México, Estados Unidos e mais alguns mercados. Além dos sambas de Jorge Bem «Mas que nada», e «Xica da Silva», tem samba estilizado com música dos Beatles («Lady Madonna») e uma versão americanizada do «clássico latino» Quizas, Quizas, Quizas...

Quarteto em Cy

Antes que o espetáculo chegue a São Paulo, as gravações ao vivo do espetáculo «Resistindo», pelo Quarteto em Cy, tem elepê lançado pela Philips. Cynira, Soninha, Syva e Dorinha enfrentaram assim os 12 anos de carreira, pela primeira vez diante do público que lhes foi fiel em várias fases da carreira.

Marcha Rancho

Luiz Roberto, ex-integrantes do conjunto os Cariocas produziu esta Antologia de Marcha Rancho com execuções da Banda da Cidade para o selo Philips. «As pastorinhas», «Estão voltando as flores», «Porta estandarte», «A Banda», «Disparada», «Manhã de liberdade», «Noite dos mascarados» e outros clássicos velhos e recentes completam o rico repertório.

Abba — Arrival

Se o Lee Jackson pode cantar em inglês para conquistar o mercado externo, os exemplos vem de fora. Abba, o conjunto alemão agora faz sucesso aqui com o compacto «Dancing Queens», faixa do elepê «Arrival». Distribuição brasileira da RCA/Victor.

SÉRIE ANIVERSÁRIO

TOQUINHO & VINÍCIUS • ERASMO CARLOS
MILTINHO • SIMONETTI • MAYSA • AGOSTINHO



TOQUINHO & VINÍCIUS
SÃO DE MAIS CHIFFRINHO NA MIA • A TONGA DA MIRONGA DO KABULETE • MEU PAI OXALÁ • CUIDADÃO NA • MANDA UM COFÃO PARA • MEU PAI OXALÁ • MULHER DE TRINTA • O VELHO E O JOVEM • FAREI EM ITALIANO • COMO LIGAR O FOGÃO • MEU PAI OXALÁ • MANDA UM COFÃO PARA • FAREI EM ITALIANO • COMO LIGAR O FOGÃO



MAYSA
SÃO DE MAIS CHIFFRINHO NA MIA • A TONGA DA MIRONGA DO KABULETE • MEU PAI OXALÁ • CUIDADÃO NA • MANDA UM COFÃO PARA • MEU PAI OXALÁ • MULHER DE TRINTA • O VELHO E O JOVEM • FAREI EM ITALIANO • COMO LIGAR O FOGÃO • MEU PAI OXALÁ • MANDA UM COFÃO PARA • FAREI EM ITALIANO • COMO LIGAR O FOGÃO



MILTINHO
SÃO DE MAIS CHIFFRINHO NA MIA • A TONGA DA MIRONGA DO KABULETE • MEU PAI OXALÁ • CUIDADÃO NA • MANDA UM COFÃO PARA • MEU PAI OXALÁ • MULHER DE TRINTA • O VELHO E O JOVEM • FAREI EM ITALIANO • COMO LIGAR O FOGÃO • MEU PAI OXALÁ • MANDA UM COFÃO PARA • FAREI EM ITALIANO • COMO LIGAR O FOGÃO



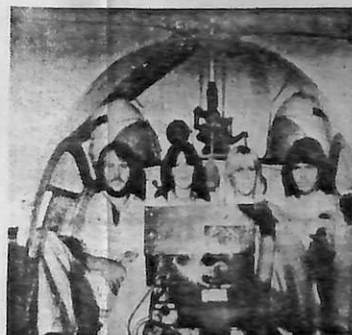
SIMONETTI
SÃO DE MAIS CHIFFRINHO NA MIA • A TONGA DA MIRONGA DO KABULETE • MEU PAI OXALÁ • CUIDADÃO NA • MANDA UM COFÃO PARA • MEU PAI OXALÁ • MULHER DE TRINTA • O VELHO E O JOVEM • FAREI EM ITALIANO • COMO LIGAR O FOGÃO • MEU PAI OXALÁ • MANDA UM COFÃO PARA • FAREI EM ITALIANO • COMO LIGAR O FOGÃO



ERASMO CARLOS
SÃO DE MAIS CHIFFRINHO NA MIA • A TONGA DA MIRONGA DO KABULETE • MEU PAI OXALÁ • CUIDADÃO NA • MANDA UM COFÃO PARA • MEU PAI OXALÁ • MULHER DE TRINTA • O VELHO E O JOVEM • FAREI EM ITALIANO • COMO LIGAR O FOGÃO • MEU PAI OXALÁ • MANDA UM COFÃO PARA • FAREI EM ITALIANO • COMO LIGAR O FOGÃO



AGOSTINHO DOS SANTOS
SÃO DE MAIS CHIFFRINHO NA MIA • A TONGA DA MIRONGA DO KABULETE • MEU PAI OXALÁ • CUIDADÃO NA • MANDA UM COFÃO PARA • MEU PAI OXALÁ • MULHER DE TRINTA • O VELHO E O JOVEM • FAREI EM ITALIANO • COMO LIGAR O FOGÃO • MEU PAI OXALÁ • MANDA UM COFÃO PARA • FAREI EM ITALIANO • COMO LIGAR O FOGÃO



Abba — Arrival



Lee Jackson

VEICULO Journal Jovem CIDADE Rio de Janeiro
ESTADO RJ DATA 5 / 8 / 1971
COLUNISTA _____

A POESIA É NECESSÁRIA

Foi mestre Rubem Braga quem criou esta legenda. Uma pena que a tenha abandonado a meio do caminho, pois a poesia precisava dele. Mas outros assumiram o bastão. É o caso de Salvador Monteiro, jovem/velho amador de poesia, construtor de livros na via Rio/Salvador, paciente criador de esquemas gráficos ideais para as palavras mágicas dos poetas. Com Leonel Katz fundou a editora Alubrimento, que já vai cumprir dez anos de vida operosa. Neste tempo falaram, por iniciativa destes dois quixotes, poetas como Drummond, Bandeira, J. Cardoso, Vinícius, Fernando Pessoa, Ricardo Reis, Miguel Torga, Jorge Guillen, Cecilia Meireles. Uma pleiade de presentes e ausentes cuja necessária ressonância equilibra os desastres do tempo.

Vivi Reis

CIDADE DE SANTOS - SP

5 / 8 / 77

TRÊS INTÉRPRETES NUM SÓ SHOW

Em maio, Vinicius, Toquinho e Maria Creuza estiveram na Itália para uma série de shows no Teatro Sistina, de Roma, que já tem público certo quando o espetáculo é brasileiro. Lá também estiveram, ano passado, Chico Buarque e Jorge Ben. Com roteiro de Vinicius, o show foi visto inclusive em outros países da Europa, entre eles Espanha, França e Alemanha.

E muitas das músicas que foram apresentadas lá, fazem parte do show que os três vão apresentar amanhã, durante o Baile A...Gosto, promovido pelo Clube Atlético Santista, com música do conjunto Classe "A". Trabalhando juntos desde o final da década de 60, o entrosamento entre eles é perfeito, "o Vinicius sempre dá a maior liberdade para todos os integrantes do grupo", conta Maria Creuza.

Com cinco elepês gravadas, Maria Creuza diz que sua música é para ser curtida com um copo de uísque na mão e a pessoa amada bem perto. "Canto músicas românticas. Quem compra meus discos procura ouvi-los em momentos muito especiais". Enquanto isso, Toquinho, que já fez mais de 60 músicas em parceria com Vinicius, gosta de lembrar, "tudo isso regado com muito show, muito uísque e muita amizade".



Maria Creuza, amanhã, no Atlético Santista

VINICIUS

CIDADE DE SANTOS - SP

5/8/77

Fofocas da TV

BRASIL ESPECIAL, UMA
ATRAÇÃO

O próximo Brasil Especial a ser focalizado pela Rede Globo de Televisão irá ao ar em Sexta Super, no próximo dia 12, às 21 horas. E será em homenagem ao sambista Wilson Baptista. Lembrado pelo grande maioria apenas como o compositor que teve uma polêmica com Noel Rosa, sobre o samba de morro e o samba feito por pessoas da classe média, Wilson Baptista teve a maior parte de sua obra esquecida, apesar de ser considerado por compositores como Paulinho da Viola e um dos nomes mais importantes da MPB.

O especial da Globo mostrará não apenas suas músicas, mas depoimentos de seus principais parceiros, entre eles, Elcio Soares, amigos como Zizinho e Moreira da Silva.



Vinicius de Moraes no Especial das Sextas-Feiras, na Globo, em setembro

ESPECIAL COM VINICIUS

A Rede Globo de Televisão fez as primeiras gravações de estúdio de "Brasil Especial Vinicius de Moraes", que irá ao ar nos dias 9 e 16 de setembro, com as participações ainda de Tom Jobim, Toquinho e Maria Creuza. Hoje, a Globo grava os números especiais com Edu Lobo, Maria Lúcia Godoy, Carlos Lyra, Angela Maria, Quarteto Em Cy e Alaíde Costa. Tudo a cores, no melhor estilo.

A. WITKOWSKY

VINICIUS DE MORAES

VINICIUS DE MORAIS

FOLHA DE S. PAULO

5 1 8 177

A TV Bandeirantes...

Está montando esquema para apresentação de uma programação especial de fim de ano. Além de algumas produções da tevê norte-americana, existem planos para a apresentação de alguns programas com Juca Chaves, Vinicius de Moraes e novamente Chico Buarque de Holanda. Por outro lado, o Canal 13 gravou na íntegra o "Festival de Tres Pontas" no último domingo e já programa a sua apresentação para setembro.

FERREIRA NETTO

O GLOBO

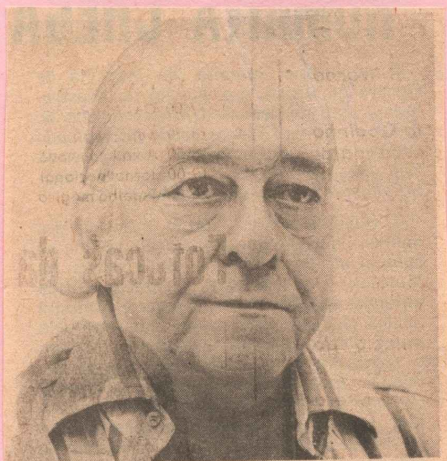
51 8 17

• Enio Silveira (Civilização Brasileira) e Leopoldo Jobim; (que deixou a Brasília/RIO), uniram-se e fundaram uma nova editora: a "Philobiblion", para a publicação de obras interligando literatura e artes plásticas, destinadas ao grande público. O primeiro lançamento será as "Cartas de Abelardo a Heloísa", com ilustrações de Augusto Rodrigues, a sair no começo de setembro. Depois virão: "Mangue", álbum de Lazar Segal, com textos de Mário de Andrade, Jorge de Lima e Manuel Bandeira. Esta nova edição será enriquecida com a "Balada do Mangue", de Vinicius de Moraes. "As aventuras do Braço de Münchhausen", ilustrações de Gustavo Doré e tradução de Moacyr Werneck de Castro; "Noa Noa", de Gauguin, tradução de Eduardo Francisco Alves; "Martin Fierro", de José Hernandez, tradução de Walmyr Ayalla, ilustrações de Poty; "Canção de Bilitis", de Pierre-Louys, tradução de Guilherme de Figueiredo, ilustrações de Artur Casais (primeiro cenógrafo da Fundação Gulbenkian); e "Largo do Boticário" (Imagem e palavra), desenhos, poemas, fotografias de Augusto Rodrigues.

Vinicius

CIDADE DE SANTOS - SP

6 / 8 / 77



Viniúcius ao lado de Toquinho e Maria Creusa, no
Atlético Santista

Viniúcius

CIDADE DE SANTOS - SP

6 / 8 / 77



Maria Creuza faz show hoje, no Clube Atlético Santista ao lado de Vinicius de Moraes e Toquinho, durante o Baile A... Gosto, das 23 às 4h00, que tem som do Conjunto Classe A. Roteiro Para o Fim de Semana na página 19.

O DIA
7/8/91

MARIA CREUZA

“eu não sofro desse mal que se chama cotidiano”

Beatriz Bastos Cruz

«É uma verdadeira ginástica ser dona-de-casa e cantora» — diz Maria Creuza quando me espanto ao vê-la bonita, bem vestida e tranqüila em sua casa, preparada para a entrevista. Para uma cantora de sucesso, que tem a agenda lotada de compromissos e shows, deve ser difícil conciliar a vida artística com a vida doméstica. Com um sorriso de simpatia, ela conta que quando está em casa procura dar inteira atenção aos três filhos, Luana, Carlos e Marcos, e ao cunhado de 14 anos, além do marido Antônio Carlos, naturalmente.



Dona-de-casa x cantora

«Sou casada com um compositor que é do meio artístico e entende mais esse tipo de problema. Nós nos ajudamos mutuamente, procuramos não misturar minha vida de família que é completamente particular com a artística, tanto que não gosto de falar nisso. Em casa eu sou a mãe de Luana, Carlos e Marcos e também dona-de-casa e lá fora sou Maria Creuza — cantora».

Antônio Carlos e Maria Creuza procuram não assumir compromissos na mesma data para que um sempre fique em casa com as crianças. «Nos comunicamos o tempo todo e sempre que possível ele me acompanha, quando não contratam os dois artistas juntos».

As férias da família são tiradas vez por outra, numa casa de campo perto de Cabo Frio. «Nós fugimos para lá, o que dá um pouco de acerto na vida pessoal que não é a ideal, mas pelo menos nós procuramos nos curtir ao máximo quando estamos juntos. O cotidiano é um perigo terrível e eu tenho essa vantagem em cima das outras mulheres que só são donas-de-casa. Eu não sofro desse mal que se chama cotidiano e que faz o desamor de muita gente».

Existindo respeito, carinho, companheirismo pela pessoa amada, já é meio caminho andado para as coisas correrem bem. Eu não posso dizer que estou cansada, que fulano está me enchendo, uso minha escova ou que os filhos estão tirando a minha paciência. Não é nada disso, no meu caso não posso falar assim. Estou dizendo tudo isso com pleno conhecimento de causa, tenho doze anos de casada».

A grande oportunidade

Maria Creuza começou cantando desde garota nas rádios da Bahia, chegando a ter seu próprio programa.

Em 67 gravou ainda em Salvador uma fita com a música «Festa no Terreiro do Alaketu», de Antônio Carlos, para o Festival da Record, em São Paulo. Gostaram e o compositor foi chamado para participar do mesmo, queriam saber dele quem era a cantora da fita. «Olha, tá lá em casa, é só mandar trazer». Passaram desta maneira um ano em São Paulo.

As saudades apertaram e o casal retornou a Salvador. Maria Creuza veio ao Rio em meados de 69, a convite da direção do Festival Universitário onde cantou de César Costa Filho a Aldir Blanc «Mirante», a terceira colocada com enorme sucesso. «Resolvi ficar algum tempo no Rio e como toda baiana, a gente vem ver primeiro o que acontece para depois armar a barraca».

Foi em 70 que a grande oportunidade apareceu. Vinicius de Moraes precisava de uma cantora para viajar e dar shows fora do País. Nessa época Maria Creuza fazia jingles para Chico Feitosa e ela se convidou para visitar Vinicius e ver se ele gostava de sua voz. «Fiquei assustada, aquele poeta maravilhoso já devia ter ouvido cantoras incríveis. Pensei que na hora perderia até a voz. Mas nada disso

CADERNO



Rio,
domingo, 7, e
segunda-feira, 8
de agosto de 1977

aconteceu, Vinicius me pôs logo à vontade e hoje brinca comigo: «Quando a baiana apareceu na minha vida, eu disse, é esta».

A primeira viagem foi ao Uruguai e o grupo fez um grande sucesso. Um disco foi logo a seguir gravado na Argentina e daí para cá, várias outras viagens e LPs deram lugar. «Tenho feito todo esse trabalho e acho que na minha vida não daria para outra coisa, a não ser cantar. Agora vou dar um tempo para essas benditas viagens internacionais. Sou brasileira e você sabe, na verdade eu quero é fazer milagre em casa mesmo».

Passei dois anos praticamente tendo filhos e mal acabava de ter a criança, viajava para o exterior o que fez com que me afastasse muito do ambiente. Minha voz é bastante identificada mas desligada da minha imagem que poucas pessoas conhecem».

Maria Creuza deverá fazer dentro de um mês no Rio o show das «Seis e Meia» no Teatro João Caetano, e tem planos para em outubro fazer um espetáculo num teatro com seu conjunto.

Meia-noite

«Meia-Noite» é o último disco de Maria Creuza, segue a mesma linha do repertório que projetou a cantora. «Eu sei que vou te amar», «Fim de noite», e tantos outros sucessos do passado.

«Com esse disco vou me sentir realizada por dois motivos; primeiro pelo repertório romântico em que me sinto bem à vontade, segundo por três músicas que me dizem muito, «Otília da Bahia», de Antônio Carlos e Jocafl, que é o nome do personagem central do livro «Os pastores da noite», de Jorge Amado, esse livro serviu de motivo para um filme onde canto a trilha sonora. «Outra vez Bahia», de Walter Queirós, compositor lançado por mim em «Feijãozinho com torresmos» e «Dom de Iludir», de Caetano Veloso feito especialmente para mim».

Estão incluídas ainda as músicas «Onde anda você», de Vinicius e Hermanno Silva, «Fim de noite», de Chico Feitosa e Ronaldo Boscoli, «Tete», que foi o grande sucesso de Silvinha Teles, «Castigo», de Dolores Duran, «Tortura de amor», de Valdíck Soriano e um potpourri de algumas músicas de Vinicius com vários parceiros como Carlinhos Lira e Tom Jobim.

Olympia e Sistina

Maria Creuza passou 45 dias na Europa fazendo uma tournée com Vinicius e Toquinho em várias cidades da Itália, França e Portugal.

Em Roma se apresentaram no Teatro Sistina onde a música popular brasileira já foi bastante difundida. «Nos fomos bem recebidos graças a Vinicius de Moraes que tinha um esquema montado desde a época da bossa-nova. Foram cinco dias de casa lotada, as críticas as melhores possíveis e fizemos muita televisão».

Na Europa Vinicius é bastante divulgado como compositor, escritor e poeta e Maria Creuza além de seus LPs lançados no Japão, Argentina e toda Europa, já havia cantado em Roma. «Comigo deu-se tudo ao contrário, me tornei conhecida primeiro no exterior, depois no Brasil».

Segundo Maria Creuza embora não entendam o que eles estão cantando, os europeus gostam muito da música popular brasileira. «Lógico que o que estamos fazendo é explicado e traduzido na língua local. Inclusive existe aquela barreira do modismo na língua brasileira e as girias que são difíceis para eles».

Em Paris foram 12 dias na sala principal do Olympia, teatro que recebeu no seu palco, os maiores astros da canção. «Eu me senti um grãozinho de areia quando vi meu nome na marquise mas o apoio de todos foi tão grande que fizemos uma estréia ótima, sem nervosismos, tudo perfeito. A temporada deu tantos frutos que estou recebendo convites para voltar».

A tournée terminou em Portugal onde o grupo fez o show para o lançamento da novela «Gabriela».

Dessa viagem resultou um LP que foi feito lá fora e será lançado dentro de um mês «Maria Creuza, Vinicius e Toquinho no Olympia de Paris».

Maria Creuza escolhe o repertório de acordo com a sua sensibilidade. «Aquilo que me diz algo e que eu possa cantar com verdade eu gravou».

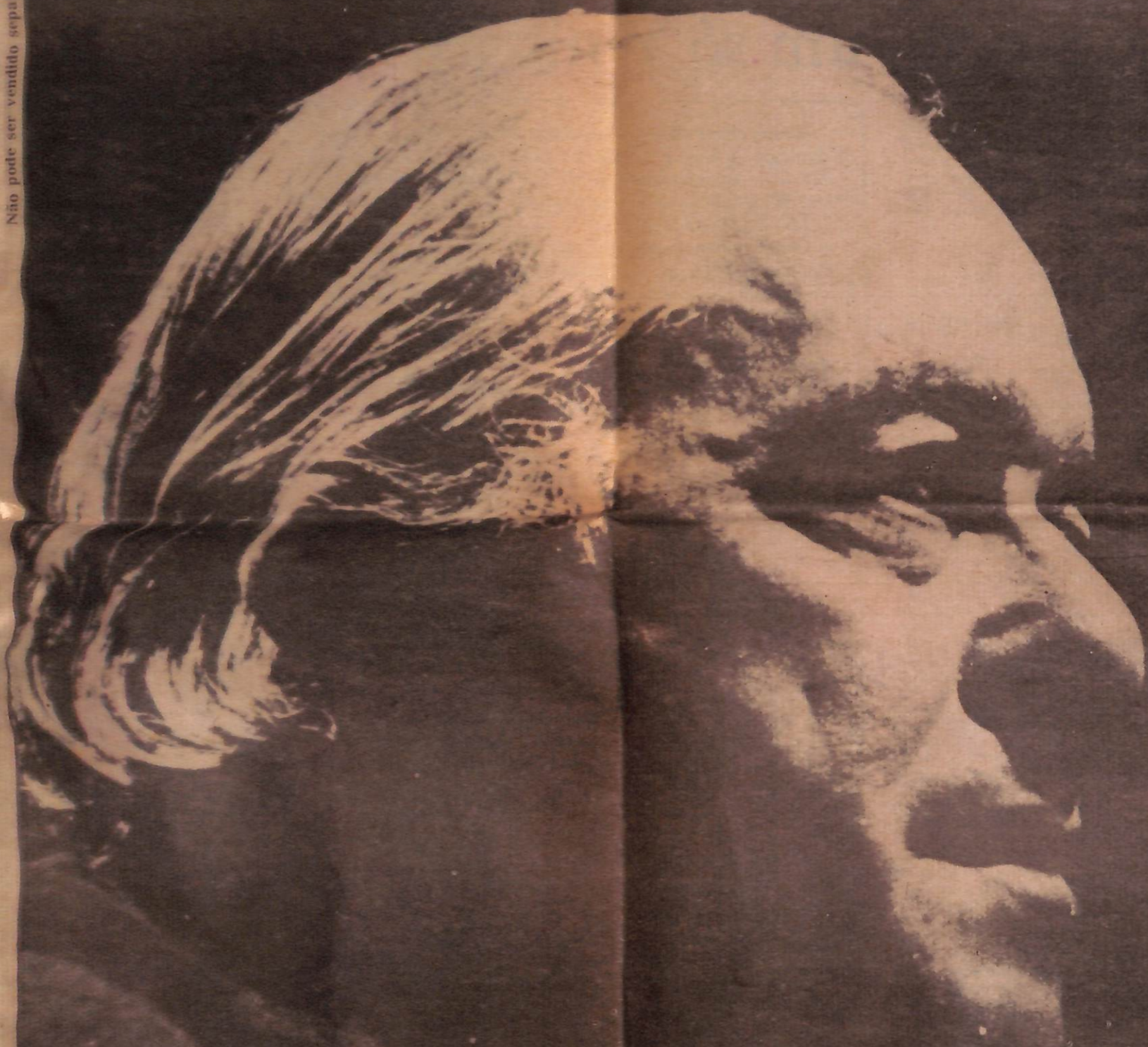
A escolha é feita pela música e não pelo autor. «Muita gente diz que na maioria dos meus discos tem músicas de Antônio Carlos e Jocafl. Claro, está que por ser um deles meu marido, eu vou ouvir com muito mais carinho e me sinto um pouco mãe delas porque as vi nascer. Não vai nisso nenhum folclore mas eu não escolheria uma música dele se não fosse boa. Se não me dissesse a verdade».

Assim mesmo Maria Creuza diz dar preferência a certos compositores que já conhece e que tenha cantado antes. Quando vem o «balaião», o monte de fitas para serem escolhidas, um plano, uma diretoria, está feita com seu produtor. «A conversa inicial minha e do Rildo é o que quero fazer; música de letra mais direta, uma letra que fale mais de dor de cotovelo ou água com açúcar. Nós temos um esquema de trabalho e partimos para um negócio certo. Já sei para onde eu vou e qual o tipo de compositor pode me dar uma coisa assim. Claro está que eu não deixo de dar chance para um novato que seja talentoso. Não sou nenhuma vedete para dizer que não gravo. Eu gravo o talento que me diz alguma coisa».

FOLHETIM

29

Não pode ser vendido separadamente



VINICIUS
DE MORAES

resta essa comunhão com os sons, esse sentimento/ da matéria em repouso essa angústia da simultaneidade/ do tempo, essa lenta decomposição poética/ em busca de uma só vida, uma só morte, um só Vinicius. (O Haver

Vamos deixar claro: do tanto que sei, o que sabemos, devo, devemos, a Vinício de Moral, digo, digamos, Vinicius de Moraes. Entenda, entendamos — são tantos, tão belos — que, além de Vinicius, são de Moraes.

Moral ou Moraes — fortes.

E nem tanto. Como nem de nada há nesta não-original minha diferenciação entre singular e plural que se faz em torno do poeta. Se bem e mal me lembro, ela pertence a Sergio Porto.

De inveja: ah, não ter sido eu a entrevistar Vinicius, como daquela vez, como de tantas vezes. Bem, eis-me confesso de meu tentar: no vai-e-vem ao Rio carreguei o gravador para que isto se tornasse possível. Mas que fazer? Como entrevistá-lo?

— Mas — se há de perguntar — vocês não são amigos?

E muito. E, por isto, não me fiz audaz ao ponto de buscá-lo naquela rua caída por perto da clínica São Vicente onde tantas vezes o poeta fingiu se — *depois de um tempo não andava por perto.* Vinicius habita, co-habita Martita, sua

Hoje, na casa que Vinicius habita, co-habita Martita, sua doce, sua anti-sufocante, sua nada-chocante — sua definitiva, sim, definitiva namorada.

Como visitá-lo?

No máximo para aquele — entendam — breve:

— Alô.

No máximo:

— Oi.

Para um uísque, para umas risadas, para uns "tudo bem". Não chegaria ao poeta, em dias de Martita, para uma entrevista.

Quem o fez, fê-lo bem. É o que publicamos abaixo.

Salve. Salve termos vivido nos tempos do Vinicius. Os tantos. — TARSUS DE CASTRUS

das Três Marias/ lembras-te, Marina? .../ tinhas uns peitinhos duros/ e teus beicinhos escuro/ flauteavam valcheiro a peixe, bebia/ teu bafo de sal — (Marina)

ooo

SEGUNDO: O poeta e a poesia. A fuga aventureira da Europa em guerra. Na volta as dificuldades e a decisão pela carreira diplomática. Alguns amigos, as leituras.

"Eu aprendi a ler muito cedo. Quando estava em Botafogo ficava vendo minha avó escrever poemas. Eu comecei a ter muita curiosidade por esse negócio de poesia e passava muito tempo curtindo os poemas do Tesouro da Juventude, os parnasianos, os simbolistas, Bilac, Raimundo Corrêa, Castro Alves sobretudo. Quando eu descobri que

o meu negócio era o verso, era poesia mesmo. Eu lia e mais ou menos copiava.

O poeta que mais me influenciou foi o meu pai. Ele era um pós-parnasiano com um pé no simbolismo. Foi amigo de Olavo Bilac que insistia muito para que ele publicasse, mas meu pai nunca quis. Era um homem modesto, muito omisso. Eu pegava as coisas dele e lia muito, tentava copiar um pouco. Eu fazia isto com todos os poetas que lia, procurava imitar, ter uma idéia semelhante. Ia botando tudo num caderno preto grande que se chamava Arca da Fé. Foi bom porque quando eu descobri que podia ser poeta também, já manjava um pouco de forma poética através desses exercícios."

sinos! doces, doces, almas de sinos/ brancos peregrinos/ do céu, companheiros/ indelévelis rindo/ rindo sobre as águas/ do rio fugido.../ con-

solai-me as mágoas. — (Sinos de Oxford)

"Em 1938 consegui uma bolsa Conselho Britânico para estudar Universidade de Oxford e fui para a Inglaterra. Cheguei em agosto de 38, um ano antes da guerra estourar. Comecei a estudar língua e literatura inglesas, que foi muito bom para mim com o poeta porque pude ler os poetas ingleses e trabalhar em cima deles. Foi justamente a época em que minha poesia deixou de ser verbosa, esotérica e tornou-se mais simpática e bastante influenciada pelos poetas ingleses.

Estava em Paris quando a guerra começou. Ai, começamos a viajar de volta para o Brasil porque todo mundo estava apavorado com o avanço das tropas alemãs. Nessa época eu já estava casado com minha primeira mulher, então nós fomos para Portugal que era neutro. Fizemos uma viagem terrível através da Espanha, com pessoas invadindo os trens naquela situação de fugir. Em Lisboa ficamos três meses e meio à espera de navio para poder voltar, e voltamos no Angola, primeira viagem do Angola, viagem chata com todas as luzes apagadas por causa do perigo dos submarinos. Quando chegamos a minha mulher já estava grávida e eu precisava pensar no trabalho para aguentar a barra daquela familiazinha que estava começando. Eu me formei em Direito, mas não tinha nenhuma vocação e nunca pude praticar. Resolvi então estudar para fazer concurso do Itamaraty. Fiz primeiro concurso e fui eliminado. Tudei tudo de novo, tentei no ano seguinte e fui aprovado. Isso foi em 42. Ingressei no Itamaraty no final de 1943. Trabalhei no departamento econômico e depois no departamento cultural, junto com o João Cabral de Melo Neto, que tinha entrado também naquela época. Em 46 tive o primeiro posto em Los Angeles."

não te vira ferir o indiferente/ para variar os olhos da impostura/ de uma vida que que consente?/ vira-te tudo, amigo! coisa pura/ arca da carne intransigente pelo trágico amor/ criatura. — (Soneto a Otávio de Faria)

"Na faculdade eu conheci um grupo que era liderado pelo Otávio de Faria

PRIMEIRO: A infância verde do poeta na Gávea, Botafogo e Ilha do Governador. A primeira namorada.

"A história começa no bairro da Gávea no dia 19 de outubro de 1913, que é o dia do meu nascimento. Ao que consta, eu nasci na madrugada de uma tempestade terrível, sob o signo de Libra. Minha mãe chamava-se Lídia Cruz de Moraes e meu pai Clodoaldo Pereira da Silva Moraes, que tinha sido professor de francês dela. Ela era muito menina quando eu nasci, tinha 16 anos. Devido ao temporal, a janela se abriu e eu peguei uma bronquite que me perseguiu durante sete anos da minha infância. Depois fiquei bom."

Meu avô era uma espécie de cacique da Gávea. Aliás, era chamado de coronel. Coronel Burlamaque dos Santos Cruz. Ele tinha uma chácara grande na rua Lopes Quintas, que agora não existe mais: a família vendeu e lá se construiu um edifício. Era uma chácara deliciosa, me lembro que tinha até um riozinho no fundo. O melhor amigo de infância foi um tio, irmão de minha mãe. Estranho, mas eu explico. Minha avó teve uma filha de imensa, acho que uns 16, sendo que os quatro últimos eram mais novos que minha mãe. Esse meu tio, o Niboca (o nome dele era Anibal), foi meu companheiro de molecagem..."

esse ruído dentro do mar invisível são barcos passando/ esse ei-ou que ficou nos meus ouvidos são os pescadores esquecidos...

(Ilha do Governador)

"Meu pai se meteu nuns negócios em que perdeu muito dinheiro. Nessa época, por problemas de saúde, minha mãe precisava de banhos de mar. Meu pai então alugou uma casa na ilha, no bairro do Cocotá, onde eu passava minhas férias e praticamente todos os fins de semana. Durante o ano letivo eu ia para a casa dos meus avós paternos na rua Voluntários da Pátria, em Botafogo. De maneira que essa transa de mar, de ilha, foi muito importante para mim. Foi na ilha que eu tive as primeiras namoradas. A primeira foi uma garota chamada Marina. Era filha de pescadores, um pessoal de origem humilde. Foi minha primeira namorada. Quando eu digo namorada, digo aquela de dar beijo, de dar pega, essas coisas."

lembras-te das pescarias/ nas pedras

“Tom Jobim vivia na dureza, tocando em inferninhos”



Em março de 1953

romancista, e que tinha sido fundador do primeiro Chaplin Club da América Latina. Era uma espécie de cine clube, só que não havia muita exibição por causa da dificuldade de se conseguir filmes. Foi esse sujeito, o Otávio, que na época me orientou nas primeiras leituras, os primeiros filósofos, os primeiros romancistas, os poetas brasileiros pós-modernistas, Murilo Mendes, Augusto Frederico Schmidt, Jorge de Lima, o Drummond (que já tinha publicado um livro), enfim, foi a partir da faculdade que eu comecei a transar realmente com literatura. Em 1933 publiquei o livro de estréia como poeta, Caminho para a distância. O livro foi bem recebido e até o velho João Ribeiro escreveu uma crítica.

Havia na faculdade o Centro de Estudos Jurídicos e Sociais, o Caju, que reunia um grupo de homens todos muito voltados para a interpretação do fenômeno político, sociológico e também para as letras. A maioria era de caras bem de direita. Eu recebia influência deles, mas, felizmente não me deixei levar muito longe nessa, não. Quando apareceu o integralismo, por exemplo, a maioria ingressou nas fileiras integralistas, mas eu não. Não fui o meu negócio de moleque de praia, de garoto namorador, só sei que eu não tinha muito que ver com aquela coisa. Mas ao mesmo tempo, psicologicamente, eu fiquei influenciado. Claro, foram os primeiros caras que me orientaram nas leituras. Então, os filósofos que eu lia era Nietzsche, era

Pascal, Kirkegaard, esse pessoal todo que mais ou menos formou o pensamento fascista, embora nenhum deles seja exatamente fascista. Eram filósofos com uma metafísica mais voltada para o fenômeno da direita, tanto assim que o próprio Hitler achava que Nietzsche era o filósofo do nazismo... Que absurdo, né? Eram também filósofos de formação religiosa. Fui sendo levado nesse engano até a idade que eu pude quebrar a cara e descobrir as coisas por mim mesmo. Mas custou sofrimento, é claro. Você é formado numa direção e de repente descobre que aquela direção não é aquela que lhe dá contato com a vida e o ser humano.”

•••

TERCEIRO: O poeta sobe à favela e desce ao Mangue em companhia de um jornalista americano. Viaja pelo Brasil e descobre a miséria. Oswald de Andrade falou em sua última entrevista que Vinicius seria o grande poeta popular brasileiro se tivesse a capacidade de sentir a miséria nacional. Será? As primeiras músicas.

• “Em 1942 fiz uma viagem pelo Brasil com um escritor americano chamado Waldo Frank, que nessa época era muito conhecido nos EUA. Ele era muito amigo do Hemingway, do Chaplin, e estava aqui na América do Sul recolhendo material para escrever um livro. Era também jornalista e trabalhava para uma cadeia de jornais lá dos EUA. Eu conheci esse cara quando ele voltou da Argentina, onde se meteu na política, e o ditador da época que era... foi o último cara antes de Perón... mandou uns guarda-costas no hotel onde ele estava para dar uns cacetes no velho. Ele chegou aqui muito arrebatado e eu o conheci num coquetel na livraria José Olímpio. Ele então me disse que queria conhecer o verdadeiro Rio de Janeiro, e como a

gente já estava meio de porre, eu disse: váobora. Fomos até o Mangue (que era uma coisa espantosa) e que nesse dia “estava uma loucura total.”

pobres, trágicas mulheres/multidimensionais/ponto morto dos choferes/passadiço dos navais! louras mulatas francesas/vestidas de carnaval/viveis a festa das flores/pelo convés dessas ruas/ancoradas no canal? — (Balada do Mangue)

“As mulheres estavam loucas porque era dia de São Jorge. Depois fomos para uma favela que existia no Leblon e onde tinha um pessoal batendo samba. Nós entramos lá na tendinha, tomamos cerveja com os caras e o americano ficou louco com esse ambiente. Nós ficamos muito amigos.

O Waldo, que viajava pelo Departamento de Estado, pediu ao chanceler Oswaldo Aranha para que eu fosse o seu acompanhante na viagem que iria fazer pelo Brasil. Como constava que os fascistas argentinos tinham mandado gente para matar o cara, eu pela primeira e última vez na minha vida agi como um guarda-costa. Andava armado e tudo. Quando chegamos na Bahia, por exemplo, eu era logo obrigado a entrar em contato com a chefia de polícia local para providenciar proteção para ele. Então a gente andava para todo lado com dois tiras atrás, e o velho ficava queimado. Não gostava não.

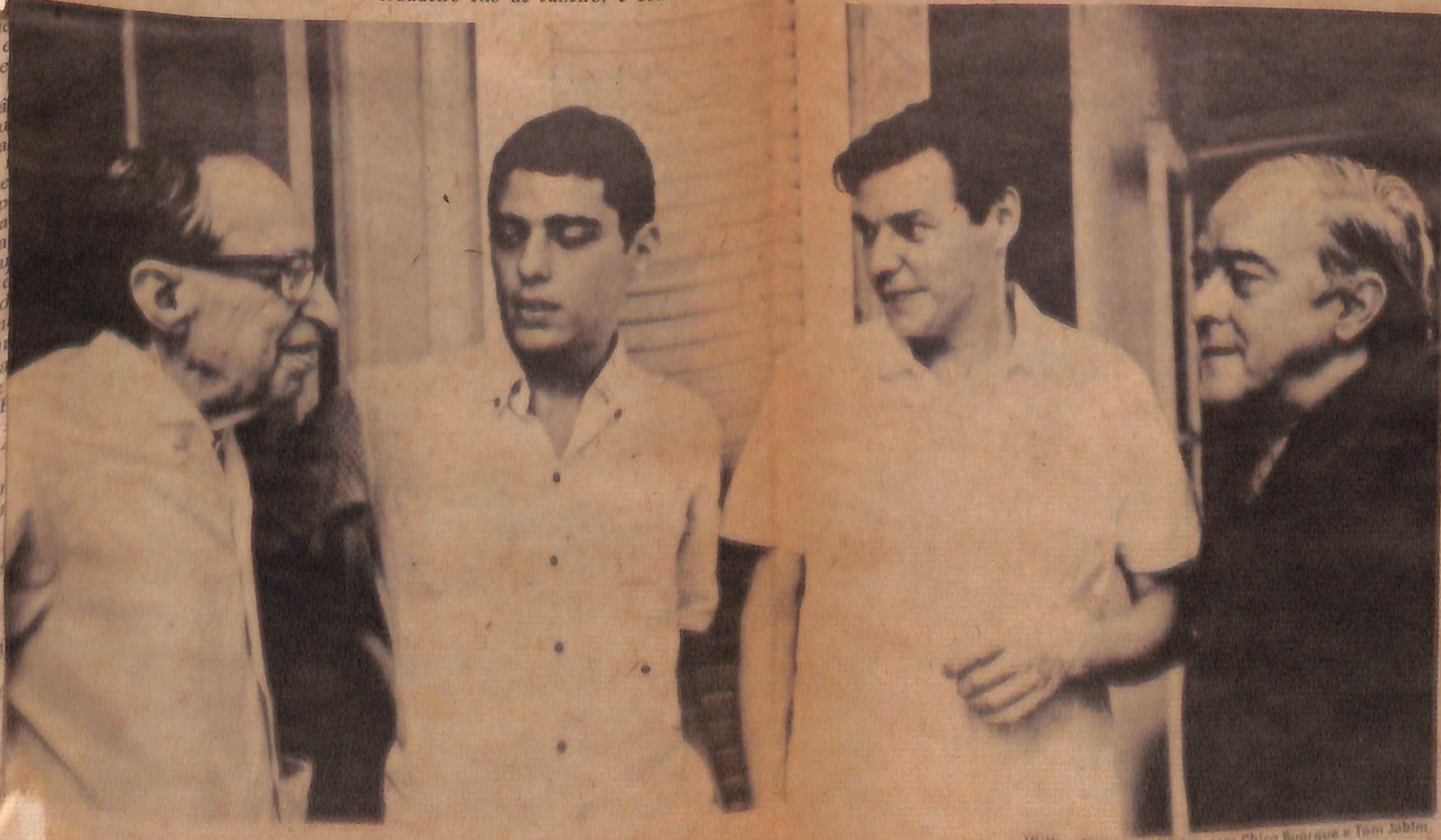
Ele era um cara incrível, com jeito de atleta e sem medo de nada. Essa viagem foi ao longo de toda costa: Bahia, para Pernambuco, Fortaleza, Belém e Manaus. Pela primeira vez eu tive a oportunidade de ver a miséria (porque o Waldo andava era atrás disso), ficava vendo os mocambos, as palafitas em Manaus... o fenômeno social da fome... Essa

viagem modificou muito a minha visão política. Eu vi e disse: bom, esse troço não está certo. Então todo o meu pensamento metafísico, esotérico, caiu por terra. Foi quando eu comecei a ter preocupação com o problema do ser humano. Quem conhece minha obra poética nota nos três primeiros livros o problema metafísico ainda funcionando, o problema de Deus, da angústia humana, do pecado. Eu ainda estava carregado de todo aquele ranço burguês-católico. Isso vai pouco a pouco se modificando, já se nota na simbologia a vontade de assumir a realidade da vida. Tanto assim que nos primeiros livros o pronome é eu eu eu, depois vai mudando paranós nós nós, já vai mostrando o poeta voltado para a realidade de seu tempo, preocupado com o fenômeno social. Eu acho isso bem nítido. Comecei a assumir a vida, os meus semelhantes, quer dizer, baixei do céu para a terra”.

•••

QUARTO: O poeta-diplomata é designado para o posto de cônsul em Los Angeles. Os amigos: Orson Welles, Dizzie Gillespie, Louis Armstrong. De repente o telefone chama do México. “Quem fala... C’est moi... Moi qui?... Paul Eluard... Mais non!... Mais oui...” O encontro com Neruda.

“Fui para Los Angeles no ano de 46 e passei cinco anos lá. Esse tempo foi dedicado — fora o trabalho consular que eu tinha, sem nenhum interesse porque era aquele negócio de assinar fatura e carimbar passaporte — ao estudo do cinema. Ainda no Brasil eu tinha encontrado o Orson Welles quando ele veio aqui fazer um filme. Era um sujeito muito louco, barra pesadíssima. Fui pensando em entrar para os cursos de cinema da Universidade da Califórnia, mas o Orson me disse para não fazer isso, não. Segui o conselho. Então



Visita a Manuel Bandeira, com Chico Buarque e Tom Jobim.

“Sou capaz de matar por ciúmes”

acompanhei dois filmes dele. Um foi A lady from Shanghai, que ele fez com sua então mulher Rita Hayworth, e depois o Macbeth. Esse tempo foi dedicado ao cinema e ao jazz. O fato de ver pessoalmente e fazer amizade com alguns como Gillespie e Armstrong, para mim foi um negócio incrível. Los Angeles era o ponto de passagem obrigatório de todos os caras de jazz importantes, e eu estava sempre vendo. Havia uma boate chamada Big Bands onde eu passei um mês inteiro vendo a Billie Holiday, vi a Sarah Vaughan começando... Foram essas duas artes que me apaixonaram no meu período americano. Eu escrevi pouco mas aproveitei muito.

Em 1949 fui para o México ao encontro de Neruda, que estava muito doente. Ele tinha atravessado a América do Sul inteira fugindo da polícia do Gonzalez Videla, o presidente do Chile na época. E o Neruda, que tinha sido eleito senador lá, teve que se esconder durante dois anos. Ele era ocultado pelos camponeses, se transferia de casa para casa num período determinado e pouca gente sabia do seu paradeiro exato para evitar que houvesse delação. Ele atravessou os Andes em lombo de burro. Depois dessa viagem foi que ele escreveu o Canto General. Quando cheguei no México, estavam lá o Di Cavalcanti, o Paul Eluard, o Nicolás Guillén. Com o Neruda eu já tinha uma grande amizade desde quando ele esteve no Brasil em 1945. Nos conhecemos através do Jorge Amado. Neruda era um comilão terrível, e então a gente ia para aqueles restaurantes do Mercado Modelo de Salvador onde ele gostava de comer camarões torrados feitos no azeite de dendê. Quando soube que ele estava no México peguei meu carro e viajei dois dias sem parar, quase uns dois mil quilômetros. Fui direto para o quarto de Neruda, e ele estava realmente muito doente. Uma flebite nas pernas com risco de gangrena. Ele era um homem pesado e tinha viajado muito tempo em lombo de burro.

(UM PEQUENO PARENTESES: Como é mesmo, poeta? Você já foi censor?)

“Trabalhei como censor em 1935 e 36. Mas eu não censurava nada... eu brigava com uma senhora que trabalhava lá comigo porque de vez em quando ela cismava de censurar uma pequena coisa, uma besteira qualquer. Me lembro de um caso. Era um filme do Gary Cooper com a Miriam Hopkins e o Fredrich March, chamado Desing for Living, não me lembro o título em português. Tinha uma hora lá que o Gary Cooper aparecia de cueca, então a senhora que trabalhava com a gente cismou de querer censurar a cena. Eu discuti com ela dizendo que não tinha nada demais, todo mundo anda de cueca, o cara não está nu, e então ela disse: não está nu? Eu tenho a impressão que vi uma sombra... Eu brigava sempre para que os filmes fossem liberados. Foi o primeiro emprego que tive.”

...

QUINTO: A euforia dos anos cinquenta. Um poeta entre a carreira e a curtição dos botequins da Zona Sul do Rio. E do centro da cidade também. Filmes, teatro, João Gilberto, Tom Jobim e Pixinguinha. A bossa nova.

“Logo depois que queimaram a feira de Água dos Meninos na Bahia, uma coisa criminosa movida pelo interesse imobiliário, o Alex Viary fez um filme chamado Sol sobre a lama (com um roteiro muito bom, aliás) e convidou a mim e ao velho Pixinga para fazermos a música. Foi nessa época que eu botei letra no tema Lamento, que ia ser o tema principal do filme, o tema da Glauce Rocha. Foi o primeiro filme que a Glauce apareceu. O Geraldo del Rey trabalhava, uma porção de gente começou nesse filme. Eu revi o filme há uns seis anos atrás, e constatei que ele tem uma importância documental extraordinária, porque é um documento

sobre Água dos Meninos. O filme tem alguns defeitos, mas vale como documento. Tem uma fotografia muito bonita e uma vitalidade muito grande. A trilha sonora foi gravada nos estúdios da rádio MEC e o Pixinguinha conseguiu um efeito extraordinário utilizando uma orquestra sem muitos recursos.

Mas me diga uma coisa, Mr. Buster/me diga sinceramente uma coisa, Mr. Buster:/o sr. sabe lá o que é um choro de Pixinguinha?/o sr. sabe lá o que é ter uma jabuticabeira no quintal?/o sr. sabe lá o que é torcer pelo Botafogo? — (Olhe aqui, Mr. Buster...)

Pixinguinha é o ser mais perfeito que eu já conheci até hoje na minha vida. Isto pra princípio de conversa. Eu nunca vi ser humano de qualidade superior à do velho Pixinga. Já conheci muita gente bacana, homens e mulheres, mas aquela coisa que ele tinha, aquela bondade, a espontaneidade, o cavalherismo... Um ser humano excepcional, isso sem falar na genialidade musical.

“A bossa nova foi uma conjuntura histórica, eu a vejo muito assim. Um momento determinado onde a música brasileira precisava mudar. Os artistas aparecem mesmo é nas conjunturas, não é? elas é que forçam a barra. Embora aquela fase de sambas de fossa tenha dado coisas lindas, era tudo meio para baixo, né? Aquilo não ajudava ninguém a viver, não. A bossa realmente nasceu de um encontro de pessoas que estavam todas griladas, uma série de meninos que estavam tocando violão muito bem e querendo mostrar suas coisas. Agora, historicamente, quem deu a partida mesmo foi o Tom Jobim com aquele samba e foi a Glauce Rocha que ele fez e a Elisete gravou. O veio a incorporação do João Gilberto. O João foi então descobrindo aquele gênio dele, aquela batida diferente, aquela síncope nova, a simplificação do acento que o João fez, a inversão do acento. Os bateristas estrangeiros não entendiam direito.



Em agosto de

Eu conheci o Tom num barzinho a gente fundou em Copacabana, lá Posto 6 onde era o antigo cassino depois foi a TV Rio. Lá nós fizemos clube que era chamado Clube Chave. Eram cinquenta caras e quenta mesas, cada uma tinha um marinho do lado onde voce guardava seu uísque, quer dizer, chegava e tinha acesso direto ao seu uísque. Conheci Tom lá, quando eu estava despedindo porque ia para meu país em Paris. Cheguei lá e ouvi aquele som. Ele estava no piano tocando outra vez/sem voce/outra vez/sem amor. Eu achei aquele som engraçado, ferente, aí me aproximei. Ele já conhecia de vista e continuou tocando. Mais tarde apareceram o João Donato, o João Gilberto e depois nós fomos pro Bar dos Pescadores que tinha lá no fim da avenida N.S. de Copacabana, um bar onde a gente ia comer ovos fritos madrugada. Lá nesse lugar nós ficamos conversando até as dez horas da manhã. Eu me lembro que o Tom disse: sim, ah, eu moro aqui pertinho. Eu morava num conjunto que tinha perto e naquela época, o Paulinho dele, estava recém nascido.

Logo depois eu embarquei e fui para a repercussão do filme Orfeu Negro, fez com que aparecesse um cara interessado em financiar a montagem da peça no Rio. Nós ficamos empolgados com aquele negócio e eu comecei procurar alguém para fazer a música da peça. Eu não queria usar os nossos monstros sagrados. Tinha consultado



Com a mulher, Morita, e com Pablo Neruda, em 1957 e, mais tarde, em casa da Rubem Braga, no Rio.

“O poeta que mais me influenciou? Foi meu pai”



Em dezembro de 1960

Vadico, o Vadico do Noel, que era um pianista excelente, um cara da pesada mesmo que tinha estudado com o Castelnovo Tedesco e tocava um piano muito bonito. Mas o Vadico era um cara muito tímido e ficou assustado com a empreitada. Depois de ler a peça começou a fazer as músicas, mas no final deu pra trás. Aí fiquei numa bananosa porque tinha pouco tempo. Eu havia tirado licença-prêmio para passar seis meses no Brasil e o tempo estava correndo.

“Foi então num dia que eu fui no Vilarino, um bar do centro da cidade, e me lembro perfeitamente: estavam o Lúcio Rangel e o Haroldo Barbosa em uma mesa e eu comentei com o Lúcio dizendo que estava com a peça sem uma pessoa para musicar. Então o Lúcio falou, tem um cara ali que é capaz de dar certo. E era o Tom. Eu o chamei e propus o negócio. Me lembro que ele falou até assim: tem dinheiro nisto? Coitado, ele vivia numa dureza... Tinha largado a faculdade de arquitetura e ganhava a vida tocando nos inferninhos de Copacabana. Aí eu dei a peça pra ele ler e uns quinze dias depois me chamou para escolher um tema. Fui para a casa dele na rua Nascimento Silva 107, e ele me mostrou a música de Se todos fossem iguais a você. Eu fiquei empolgado e na mesma hora fiz a letra. Depois fizemos o resto das músicas. Nós começamos a ensaiar duro e estreamos a peça no dia 25 de agosto (ou setembro?) de 1956 no Teatro Municipal do Rio. Foi um acontecimento, porque

era a primeira vez que crioulo pisava no palco do Teatro Municipal. Isso provocou uma celeuma entre os puristas, aqueles caras racistas mesmo, que acharam um absurdo. Eu me lembro que quando abria o pano e aparecia o cenário do Oscar Niemeyer a gente escutava assim um ahhh... vindo do público.”

(UM ÚLTIMO PARÊNTESES: Há quem diga que a bossa nova foi um movimento típico de classe média carioca e não passou disso.

“A bossa era um troço nada popular. O pessoal todo de nível universitário, mas que não tinha nada de elitista. Só que era um movimento de artistas de classe média, classe média até mais para abastada, mas de artistas de muita sensibilidade e todos ligados à cultura popular. Não sei, era uma espécie de paixão que a gente tinha. Era todo dia, a gente acordava e já estava se telefonando, íamos para os bares, aquela curtidão. Então começou a aumentar o núcleo de músicos. Foi realmente uma circunstância histórica, também muito facilitada por aquele ambiente de liberdade que havia, aquele clima do governo do Juscelino. Juntava-se a criatividade de todo mundo, a alegria.”)

“A bossa nova era apenas um prolongamento em um nível mais bem vestido da música popular. O que aconteceu foi uma valorização dos instrumentos, as orquestrações mudaram, e nisso foi importante a influência do jazz. Os instrumentos começam a improvisar, coisa que não se fazia no samba tradicional. Essa busca de harmonias novas foi um traço importantíssimo. Ela se extinguiu dentro daquele caráter que ela assumiu. Depois dela veio a falsa bossa nova, a falsa inocência, como existe hoje o falso samba. É aquele negócio que a gente chama de palito de jacaré: é um passarinho que tem lá no Amazonas que fica palitando os dentes do jacaré, e o jacaré deixa. E isso: houve uma série de caras que

apareceram depois dessa fase e que eram autênticos palitos de jacaré, caras que viviam no lastro do Tom, do João Gilberto, do Carlinhos Lira...”

Agora, eu faço música quando eu estou sozinho. Mas eu gosto mais é de trabalhar com parceiro, parceiro o tempo todo, ao lado. Eu acho que assim o trabalho é mais divertido. Eu só faço música sozinho quando não tem outro remédio, quando viajo ou estou fora. Na verdade eu sou um músico bissexto, quer dizer, o meu negócio mesmo é a poesia, é a letra.”

...

SEXTO: De novo a poesia. O poeta e a poesia. Os novos livros.

“Estou com dois livros engatilhados, todos dois quase prontos. Tem um que eu estou escrevendo sobre o Rio de Janeiro há uns vinte e cinco anos. É uma topografia sentimental. Não é um livro só sobre o Rio de Janeiro, mas sobre o Rio que eu vivi, os lugares, as situações, tudo. O outro é de poemas não publicados desde 1962, quando saiu meu último livro de poesia mesmo. Outro dia, uma pessoa que estava me entrevistando disse uma coisa engraçada. Disse que a poesia é um processo encantador em que o poeta tem de ludibriar a realidade. No fundo, é aquele negócio do Fernando Pessoa, de que o poeta é um fingidor e tal. Mas de que o poeta é um fingidor e tal. Mas eu não acho não. Depois que eu vi lá em Buenos Aires (e eu fui o primeiro cara que viu) o Poema Sujo do Ferreira Gullar, eu comecei a pensar nesses caras que dizem que a poesia morreu. Não tem é poeta!, esses caras que assumam mesmo, que peguem o miúro pelo chifre e vão lá ver como a coisa é leve e sempre estará.”

Eu acho difícil que um poeta possa jamais conseguir o seu filé em troca de um soneto ou balada. Por isso me parece que a maior beleza dessa arte modesta e heróica seja a sua aparente inutilidade. Isso dá ao verdadeiro poeta forças para jamais se comprometer com

os donos da vida. O seu único patrão é a própria vida... — (Sobre poesia).

“Parir um poema é um troço muito estranho. Por exemplo, eu estava em Los Angeles quando recebi pelo telefone a notícia da morte de meu pai. Isso foi às três da madrugada. Eu saí do telefone, me sentei e escrevi aquela Elegia da morte de Clodoaldo Pereira da Silva Moraes, com a casa totalmente às escuras. Eu não distinguia nem a margem do papel, era como se fosse uma coisa psicografada. Alguns poemas já são mais racionalizados, o Operário de Construção e coisas assim.

Há dias em que você nem está com vontade de escrever e a coisa vem. Às vezes você parte de um primeiro verso, uma coisa que surge assim bonita, uma surpresa.”

...

SÉTIMO E ÚLTIMO: O poeta já falou bastante, já tomou muito gin fizz. Agora, só tece rápidas considerações...

... sobre outros poetas:
“Eu sou gamado no Gullar. Acho que esse é um senhor poeta.”

... sobre suas leituras:
“Eu tenho lido muito pouco. Agora estou lendo Agatha Christie. Eu gosto muito da velha. Gosto do Garcia Marquez, do Vargas Llosa gosto menos.”

... sobre sua poesia:
“Eu fiquei muito com a falsa imagem do poeta da mulher, poeta do amor. Minha poesia faz parte de um contexto maior.”

... sobre a mulher:
“O que eu gosto mais na mulher é a incompreensibilidade dela para o amor. É a qualquer hora e a qualquer tempo.”

... sobre a Europa:
“Eu acho que o camembert já começou a andar. Aquilo lá já está cheio de bicho.”

... dorme, que assim/dormirás um dia na minha poesia/de um sono sem fim...



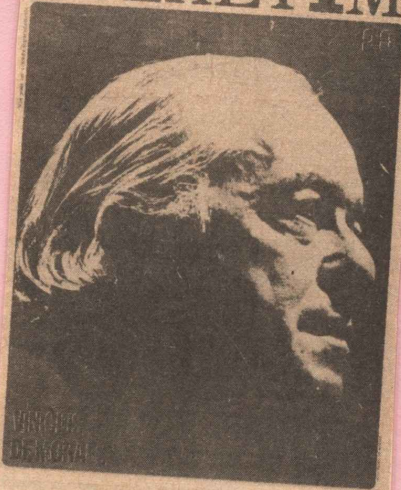
Com Fernando Sabino, Rubem Braga, Paula Mendes Campos e Chico Buarque

FOLHA DE S. PAULO

718 177

Nesta Edição

FOLHETIM



“O Mito da Sociedade
Amorfa e a
Questão da
Democracia”

Lúcio Kowarick

Página Três

VINCIS DE NOVAES

VINICIUS DE MORAES

CIDADE DE SANTOS - SP

7.8.77

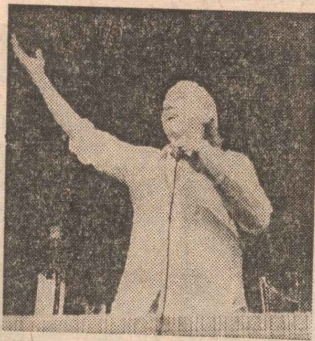
●●● A GLOBO está cuidando com muito carinho da próxima audição do "Brasil Especial", a ser focalizado no mês de setembro, em duas edições: dias 9 e 16 respectivamente, em Sexta-Super. É que nesse programa Vinicius de Moraes será o nome em evidência. Entre os convidados, as presenças de Ton Jobim, Toquinho e Maria Creuza, naturalmente...

A. WITKOWSKY

O GLOBO

8 | 8 | 1977

● Mais de 80% do especial de José de Alencar que a TV-E está produzindo, já está pronto. Agora, Sergio Brito prepara, com o auxílio do maestro Aylton Escobar, um final surpresa. Algo mirabolante, acreditem.



Promete o Brasil Especial nº 22, sobre Vinícius de Moraes. Entre os diversos depoimentos de amigos do "poetinha", o programa terá os de Rubem Braga e Carlos Scliar, que já gravaram, contando como conheceram Vinícius, histórias curiosas sobre ele. Entre os intérpretes da parte musical, estão o Quarteto em Cy, Maria Lúcia Godoy, Ary Toledo, Toquinho e Edu Lobo. E mais um papo sobre bossa-nova entre Vinícius e Carlos Lyra. Promete ou não?

HILDEGARD ANGEL

Vinícius

ULTIMA HORA

8 / 8 187

**Rubem Braga
e Scliar no
Especial sobre
Vinicius**

Mais dois depoimentos foram gravados na semana passada para **Brasil Especial Nº 22** - **Vinicius de Moraes**. Rubem Braga e Carlos Scliar contam como conheceram o poeta, algumas histórias curiosas de Vinicius e falam sobre suas letras e poesias. Na última quinta-feira com a participação do Quarteto em Cy, Maria Lúcia Godoy, Ary Toledo, Carlos Lyra, Toquinho e Edu Lobo foram gravados os primeiros musicais, além de uma conversa sobre bossa nova entre Vinicius e Carlos Lyra. Na próxima semana a equipe continuará a tomar depoimentos de amigos e pessoas ligadas a Vinicius e já está marcada para o dia 16 a segunda parte das gravações dos musicais.

ELI HALFOUN

Vinicius

8 / 8 / 77

POUCAS & BOAS

SIEIRO NETTO

Ao Som dos Tamborins: logo mais, três Escolas de Samba estarão movimentando suas quadras de ensaio, nos preparativos para o carnaval 78:

◆ Na *Unidos de Vila Isabel* — que contará com Ney Machado e Sieiro Netto liderando grande grupo — uma noite em homenagem a Ala dos Compositores e, como sempre acontece, contará com a presença de D. Leonor Amaral à frente dos trabalhos.

◆ “Festival de Samba de Terreiro” é a programação da *União da Ilha do Governador*, que já tem o seu enredo escolhido: “O Amanhã”, de autoria de Maria Augusta. Essa Escola acaba de ganhar dois reforços para o próximo desfile: Mauro Rosas e Ivone Vilela.

◆ Com o seu ambiente um tanto o quanto conturbado pela crise sucessória (um mal dos tempos modernos), o Império Serrano dá início aos seus ensaios, com a presença do carnavalesco Fernando Pinto, que promete surpresas para o próximo ano.

◆ Como diz o poeta, “quem não gosta de samba, bom sujeito não é. É ruim da cabeça, ou doente do pé”. As últimas fonográficas: o mercado brasileiro de disco está com sua cotação em alta, com muita coisa boa “pintando” na praça.

◆ Beth Carvalho acaba de gravar o elepê “Nos Botequins da Vida”, que é dedicado ao Dino, mestre do violão de 7 cordas, boêmio que segundo Beth, muito soube aprender nos botequins da vida.

◆ Está no estúdio o violonista e compositor Toquinho, parceiro de Vinícius de Moraes. Produzido por Luis Roberto, Toquinho está gravando dois LPs, sendo que o primeiro será um álbum solo — Toquinho e seu violão. No outro, destacam parcerias inéditas, entre elas, de Toquinho e Belchior.

Vinícius